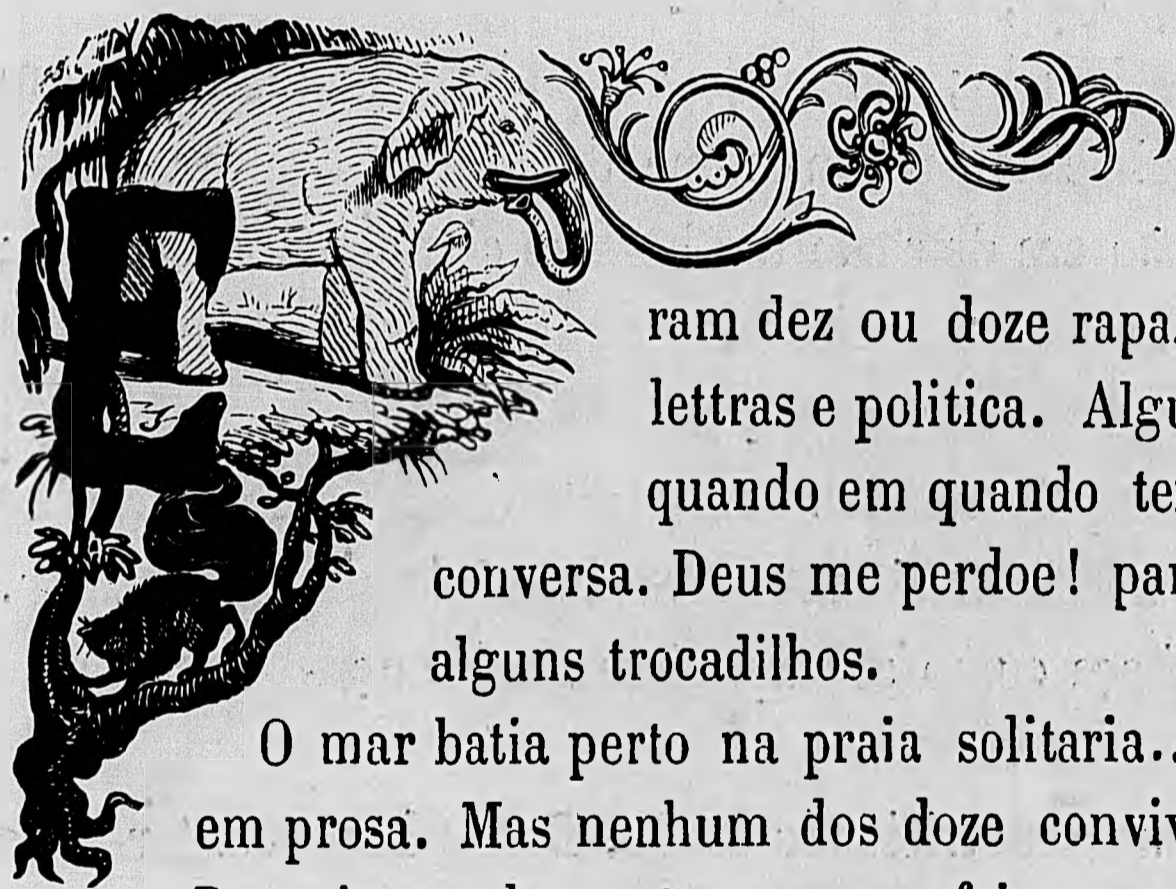




UM ESQUELETO.

I.



ram dez ou doze rapazes. Fallavam de artes, lettras e politica. Alguma anecdotã vinha de quando em quando temperar a seriedade da conversa. Deus me perdoe! parece que até se fizeram alguns trocadilhos.

O mar batia perto na praia solitaria... estylo de meditação em prosa. Mas nenhum dos doze convivas fazia caso do mar.

Da noite tambem não, que era feia e ameaçava chuva. É provavel que se a chuva cahisse ninguem desse por ella, tão entretidos estavam todos em discutir os differentes systemas politicos, os meritos de um artista ou de um escriptor, ou simplesmente em rir de uma pilheria intercalada a tempo.

Aconteceu no meio da noite que um dos convivas fallou na belleza da lingua allemã. Outro conviva concordou com o primeiro a respeito das vantagens d'ella, dizendo que a apprendera com o Dr. Belem.

— Não conhecêram o Dr. Belem? perguntou elle.

— Não, respondêram todos.

— Era um homem extremamente singular. No tempo em que me ensinou allemão usava d'uma grande casaca que lhe chegava quasi aos tornozelos e trazia na cabeça um chapéo de Chile de abas extremamente largas.

— Devia ser pittoresco observou um dos rapazes. Tinha instrucção ?

— Variadissima. Compuzera um romance, e um livro de theologia e descobrira um planeta...

— Mas esse homem?

— Esse homem vivia em Minas. Veio á corte para imprimir os dois livros, mas não achou editor e preferio rasgar os manuscriptos. Quanto ao planeta communicou a noticia á academia das sciencias de Paris; lançou a carta no correio e esperou a resposta; a resposta não veio porque a carta foi parar a Goyaz.

Um dos convivas sorriu maliciosamente para os outros, com ar de quem dizia que era muita desgraça junta. A attitude porem do narrador tirou-lhe o gosto do riso. Alberto (era o nome do narrador) tinha os olhos no chão, olhos melancolicos de quem se rememora com saudade uma felicidade extincta. Effectivamente suspirou depois de algum tempo de muda e vaga contemplação, e continuou :

— Desculpem-me este silencio ; não me posso lembrar d'aquelle homem sem que uma lagrima teime em rebentar-me dos olhos. Era um excêntrico, talvez não fosse, não era de certo um homem completamente bom ; mas era meu amigo ; não direi o unico mas o maior que jamais tive na minha vida.

Como era natural, estas palavras de Alberto alteráram a disposição de espirito do auditorio. O narrador ainda esteve silencioso alguns minutos. De repente sacudio a cabeça como se expellisse lembranças importunas do passado, e disse :

— Para lhes mostrar a excentricidade do Dr. Belem basta contar-lhe a historia do esqueleto.

A palavra *esqueleto* aguçou a curiosidade dos convivas ; um romancista applicou o ouvido para não perder nada da narração ; todos esperáram anciosamente o esqueleto do Dr. Belem. Batia justamente meia noite ; a noite, como disse, era escura ; o mar batia funebrememente na praia. Estava-se em pleno Hoffmann.

Alberto começou a narração.

II.

O Dr. Belem era um homem alto e magro; tinha os cabellos grisalhos e cahidos sobre os hombros; em repouso era recto como uma espingarda; quando andava curvava-se um pouco. Com quanto o seu olhar fosse muitas vezes meigo e bom, tinha lampejos sinistros, e ás vezes, quando elle meditava, ficava com olhos como de defunto.

Representava ter sessenta annos, mas não tinha effectivamente mais de cincoenta. O estudo o abatera muito, e os desgostos tambem, segundo elle dizia, nas poucas vezes em que me fallára do passado, e era eu a unica pessoa com quem elle se communicava a esse respeito. Podiam contar-se-lhe tres ou quatro rugas pronunciadas na cara, cuja pelle era fria como o marmore e branca como a de um morto.

Um dia, justamente no fim da minha lição, perguntei-lhe se nunca fôra casado. O doutor sorriu sem olhar para mim. Não insisti na pergunta; arrependi-me até de lh'a ter feito.

— Fui casado, disse elle, depois de algum tempo, e d'aqui a tres mezes posso dizer outra vez: sou casado.

— Vae casar?

— Vou.

— Com quem?

— Com a D. Marcellina.

D. Marcellina era uma viuva de Ouro Preto, senhora de vinte e seis annos, não formosa, mas assaz sympathica, possuia alguma cousa, mas não tanto como o doutor, cujos bens orçavam por uns sessenta contos.

Não me constava até então que elle fosse casar; ninguem fallára nem suspeitára tal cousa.

— Vou casar, continuou o Doutor, unicamente porque o senhor me fallou n'isso. Até cinco minutos antes nenhuma intenção tinha de semelhante acto. Mas a sua pergunta faz-me lembrar que eu effectivamente preciso de uma companheira; lancei os olhos da memoria a todas as noivas possiveis, e nenhuma me parece mais possivel do que essa. D'aqui a tres mezes assistirá ao nosso cásamento. Promette?

— Prometto, respondi eu com um riso incredulo.

— Não será uma formosura.

— Mas é muito sympathica, de certo, acudi eu.

— Sympathica, educada e viuva. Minha idéa é que todos os homens deviam casar com senhoras viivas.

— Quem casaria então com as donzellas?

— Os que não fossem homens respondeu o velho, como o senhor e a maioria do genero humano; mas os homens, as creaturas da minha tempera, mas...

O doutor estacou, como se receiasse entrar em maiores confidencias, e tornou a fallar da viuva Marcellina cujas boas qualidades louvou com enthusiasmo.

— Não é tão bonita como a minha primeira esposa, disse elle. Ah! essa... Nunca a vio?

— Nunca.

— É impossivel.

— É a verdade. Já o conheci viuvo, creio eu.

— Bem; mas eu nunca lh'a mostrei? Ande vel-a...

Levantou-se; levantei-me tambem. Estavamos assentados á porta; elle levou-me a um gabinete interior. Confesso que ia ao mesmo tempo curioso e aterrado. Com quanto eu fosse amigo d'elle e tivesse provas de que elle era meu amigo, tanto medo inspirava elle ao povo, e era effectivamente tão singular, que eu não podia esquivar-me a um tal ou qual sentimento de medo.

No fundo do gabinete havia um movel coberto com um panno verde; o doutor tirou o panno e eu dei um grito.

Era um armario de vidro, tendo dentro um esqueleto. Ainda hoje, apesar dos annos que lá vão, e da mudança que fez o meu espirito, não posso lembrar-me d'aquella scena sem terror.

— É minha mulher, disse o Dr. Belem sorrindo. É bonita, não lhe parece? Está na espinha, como vê. De tanta belleza, de tanta graça, de tanta maravilha que me encantáram outr'ora, que a tantos mais encantáram, que lhe resta hoje? Veja, meu joven amigo; tal é ultima expressão do genero humano.

Dizendo isto, o Dr. Belem cobrio o armario com o panno e sahimos do gabinete. Eu não sabia o que havia de dizer, tão impressionado me deixára aquelle espectáculo.

Vimos outra vez para os nossas cadeiras ao pé da porta, e algum tempo estivemos sem dizer palavra um ao outro. O doutor olhava para o chão; eu olhava para elle. Tremiam-lhe os labios, e a face de quando em quando se lhe contrahia. Um escravo veio fallar-lhe; o doutor sahio d'aquella especie de lethargo.

Quando ficámos sós parecia outro; fallou-me risonho e jovial, com uma volubilidade que não estava nos seus usos.

— Ora bem, se eu fôr feliz no casamento, disse elle, ao senhor o deverei. Foi o senhor quem me deu esta idéa! E fez bem, porque até já me sinto mais rapaz. Que lhe parece este noivo?

Dizendo isto, o Dr. Belem levantou-se e fez uma pirueta, segurando nas abas da casaca, que nunca deixava salvo, quando se recolhia de noite.

— Parece-lhe capaz o noivo? disse elle.

— Sem duvida, respondi.

— Tambem ella ha de pensar assim. Verá, meu amigo, que eu meterei tudo n'um chinello, e mais de um invejará a minha sorte. É pouco; mais de uma invejará a sorte d'ella. Pudera não? Não ha muitos noivos como eu.

Eu não dizia nada, e o doutor continuou a fallar assim durante vinte minutos. A tarde cahira de todo; e a idéa da noite e do esqueleto que alli estava a poucos passos de nós, e mais ainda as maneiras singulares que n'esse dia, mais do que nos outros, mostrava o meu bom mestre, tudo isso me levou a despedir-me d'elle e a retirar-me para casa.

O doutor sorrio-se com o sorriso sinistro que ás vezes tinha, mas não insistio para que ficasse. Fui para casa aturdido e triste; aturdido com o que vira; triste com a responsabilidade que o doutor atirava sobre mim relativamente ao seu casamento.

Entretanto, reflecti que a palavra do doutor podia não ter prompta nem remota realisação. Talvez não se case nunca, nem até pense n'isso. Que certeza teria elle de desposar a viuva Marcellina d'ahi a tres mezes? Quem sabe até, pensei eu, se não disse aquillo para zombar commigo?

Esta idéa enterrou-se me no espirito. No dia seguinte levantei-me convencido de que effectivamente o doutor quizera matar o tempo e juntamente aproveitar a occasião de me mostrar o esqueleto da mulher.

— Naturalmente, disse eu commigo, amou-a muito, e por esse motivo ainda a conserva. É claro que não se casará com outra; nem achará quem case com elle, tão acceita anda a superstição popular que o tem por lobishomem ou quando menos amigo intimo do diabo... elle! o meu bom e compassivo mestre!

Com estas idéas fui logo de manhã á casa do Dr. Belem. Achei-o a almoçar sosinho, como sempre, servido por um escravo da mesma idade.

— Entre, Alberto, disse o doutor apenas me vio á porta. Quer almoçar?

— Acceito.

— João, um prato.

Almoçamos alegremente; o doutor estava como me parecia na maior parte das vezes, conversando de cousas serias ou frivolas, misturando

uma reflexão philosophica com uma pilheria, uma anecdota de rapaz com uma citação de Virgilio.

No fim do almoço tornou a fallar do seu casamento.

— Mas então pensa n'isso deveras?... perguntei eu.

— Porque não? Não depende senão d'ella; mas eu estou quasi certo de que ella não recusa. Apresenta-me lá?

— Às suas ordens.

No dia seguinte era apresentado o Dr. Belem em casa da viuva Marcellina e recebido com muita affabilidade.

— Casar-se-ha deveras com ella? dizia eu a mim mesmo espantado do que via, porque, alem da differença da idade entre elle e ella, e das maneiras excentricas d'elle, havia um pretendente á mão da bella viuva, o tenente Soares.

Nem a viuva nem o tenente imaginavam as intenções do Dr. Belem; d'aqui podem já imaginar o pasmo de D. Marcellina quando ao cabo de oito dias, perguntou-lhe o meu mestre, se ella queria casar com elle.

— Nem com o senhor nem com outro, disse a viuva; fiz voto de não casar mais.

— Porque? perguntou friamente o doutor.

— Porque amava muito a meu marido.

— Não tolhe isso que ame o segundo, observou o candidato sorrindo.

E depois de algum tempo de silencio:

— Não insisto, disse elle, nem faço aqui uma scena dramatica. Eu amo-a deveras, mas é um amor de philosopho, um amor como eu entendo que deviam ser todos. Entretanto deixe-me ter esperanza; pedir-lhe-hei mais duas vezes a sua mão. Se da ultima nada alcançar consinta-me que fique sendo seu amigo.

(Continuar-se-ha.)

VICTOR DE PAULA.





UM ESQUELETO.

FIM.

III.



Dr. Belem foi fiel a este programma. D'alli a mez pedio outra vez a mão da viuva, e teve a mesma recusa, mas talvez menos peremptoria do que a primeira. Deixou passar seis semanas, e repetio o pedido.

— Aceitou? 'disse eu apenas o vi vir da casa de D. Marcellina.

— Porque havia de recusar? Eu não lhe disse que me casava dentro de tres mezes?

— Mas então o senhor é um adivinho, um magico?...

O doutor deu uma gargalhada, das que elle guardava para quando queria motejar de alguém ou de alguma cousa. N'aquella occasião o motejado era eu. Parece que não fiz boa cara porque o doutor immediatamente ficou serio e abraçou-me dizendo :

— Oh! meu amigo, não desconfie! Conhece-me de hoje?

A ternura com que elle me disse estas palavras tornava-o outro homem. Já não tinha os tons sinistros do olhar nem a falla *saccadée* (vá o termo francez, não me occorre agora o nosso) que era a sua falla caracteristica. Abracei-o tambem, e fallamos do casamento e da noiva.

O doutor estava alegre; apertava-me muitas vezes as mãos agradecendo-me a idéa que lhe dera; fazia seus planos de futuro. Tinha idéas de

vir á corte, logo depois do casamento; aventurou a idéa de seguir para a Europa; mas apenas parecia assentado n'isto, já pensava em não sahir de Minas, e morrer alli, dizia elle, entre as suas montanhas.

— Já vejo que está perfeitamente noivo, disse eu; tem todos os traços característicos de um homem nas vespéras de casar.

— Parece-lhe?

— E é.

— De facto, gosto da noiva, disse elle com ar serio; é possível que eu morra antes d'ella; mas o mais provavel é que ella morra primeiro. N'esse caso, juro desde já que ira o seu esqueleto fazer companhia ao outro.

A idéa do esqueleto fez me estremecer. O doutor, ao dizer estas palavras, cravára os olhos no chão, profundamente absorto. D'ahi em diante a conversa foi menos alegre do que a principio. Sahi de lá desagradavelmente impressionado.

O casamento dentro de pouco tempo foi realidade. Ninguem queria acreditar nos seus olhos. Todos admiráram a coragem (era a palavra que diziam) da viuva Marcellina, que não recuava áquelle grande sacrificio.

Sacrificio não era. A moça parecia contente e feliz. Os parabens que lhe davam eram ironicas, mas ella os recebia com muito gosto e seriedade. O tenente Soares não lhe deu os parabens; estava furioso; escreveu-lhe um bilhete em que lhe dizia todas as cousas que em taes circumstancias se podem dizer.

O casamento foi celebrado pouco depois do prazo que o Dr. Belem marcára na conversa que tivera comigo e que eu já referi. Foi um verdadeiro acontecimento na capital de Minas. Durante oito dias não se fallava senão no *caso impossivel*; a final, passou a novidade, como todas as cousas d'este mundo, e ninguem mais tratou dos noivos.

Fui jantar com elles no fim de uma semana; D. Marcellina parecia mais que nunca feliz; o Dr. Belem não o estava menos. Até parecia outro. A mulher começava a influir n'elle, sendo já uma das primeiras consequencias a suppressão da singular casaca. O doutor consentio em vestir-se menos excentricamente.

— Veste-me como quizeres, dizia elle á mulher; o que não poderás fazer nunca é mudar-me a alma. Isso nunca.

— Nem quero.

— Nem podes.

Parecia que os dois estavam destinados a gozar uma eterna felicidade: No fim de um mez fui lá, e achei-a triste.

— Oh! disse eu comigo, cedo começam os arrufos.

O doutor estava como sempre. Líamos então e commentavamos á nossa maneira o Fausto. N'esse dia pareceu-me o Dr. Belem mais perspicaz e engenhoso que nunca. Notei, entretanto, uma singular pretensão : um desejo de se parecer com Mephistopheles.

Aqui confesso que não pude deixar de rir.

— Doutor, disse eu, eu creio que o senhor abusa da amizade que lhe tenho para zombar comigo.

— Sim ?

— Aproveita-se da opinião de excentrico para me fazer crer que é o diabo...

Ouvindo esta ultima palavra, o doutor persignou-se todo, e foi a melhor affirmativa que me poderia fazer de que não ambicionava confundir-se com o personagem alludido. Sorrio-se depois benevolmente, tomou uma pitada, e disse :

— Illude-se, meu amigo, quando me attribue semelhante idéa, do mesmo modo que se engana quando suppõe que Mephistopheles é isso que diz.

— Essa agora !...

— N'outra occasião lhe direi as minhas razões. Por agora vamos jantar.

— Obrigado. Devo ir jantar com meu cunhado. Mas, se me permite ficarei ainda algum tempo aqui lendo o seu *Fausto*.

O doutor não poz objecção ; eu era intimo da casa. Sahio d'alli para a sala do jantar. Li ainda durante vinte minutos, findos os quaes fechei o livro e fui despedir-me do Dr. Belem e sua senhora.

Caminhei por um corredor fôra que ia ter á sala do jantar. Ouvia mover os pratos, mas nenhuma palavra soltavam os dois casados.

— O arrufo continua, pensei eu.

Fui andando... Mas qual não foi a minha surpréza ao chegar á porta? O doutor estava de costas, não me podia ver. A mulher tinha os olhos no prato. Entre elle e ella, sentado n'uma cadeira vi o esqueleto. Estaquei aterrado e tremulo. Que queria dizer aquillo? Perdia-me em conjecturas ; cheguei a dar um passo para fallar ao doutor, mas não me atrevi ; voltei pelo mesmo caminho, peguei no chapéo, e deitei a correr pela rua fôra.

Em casa de meu cunhado todos notáram os signaes de temor que eu ainda levava no rosto. Perguntáram-me se havia visto alguma alma do outro mundo. Respondi sorrindo que sim ; mas nada contei do que acabava de presenciar.

Durante tres dias não fui á casa do doutor. Era medo, não do esqueleto, mas do dono da casa, que se me afigurava ser um homem máo ou um homem doudo. Todavia, ardia por saber a razão da presença do esqueleto na mesa do jantar. D. Marcellina podia dizer-me tudo; mas como indagaria isso d'ella, se o doutor estava quasi sempre em casa?

No terceiro dia appareceu-me em casa o doutor Belem.

— Tres dias! disse elle, há já tres dias que eu não tenho a fortuna de o ver. Onde anda? Está mal comnosco?

— Tenho andado doente, respondi eu, sem saber o que dizia.

— E não me mandou dizer nada, ingrato! Já não é meu amigo.

A doçura d'estas palavras dissipou os meus escrúpulos. Era singular como aquelle homem, que por certos habitos, maneiras e idéas, e até pela expressão physica, assustava a muita gente e dava azo ás fantasias da superstição popular, era singular, repito, como me fallava ás vezes com uma meiguice incomparavel e um tom patriarchalmente benevolo.

Conversámos um pouco e fui obrigado a acompanhal-o á casa. A mulher ainda me pareceu triste, mas um pouco menos que da outra vez. Elle tratava-a com muita ternura e consideração, e ella se não respondia alegre, ao menos fallava com igual meiguice.

IV.

No meio da conversa vieram dizer que o jantar estava na mesa.

— Agora ha de jantar comnosco, disse elle.

— Não posso, balbuciei eu, devo ir...

— Não deve ir a nenhuma parte, atalhou o doutor; parece-me que quer fugir de mim. Marcellina, pede ao Dr. Alberto que jante comnosco.

D. Marcellina repetio o pedido do marido, mas com um ar de constrangimento visivel. Ia recusar de novo, mas o doutor teve a precaução de me agarrar no braço e foi impossivel recusar.

— Deixe-me ao menos dar o braço a sua senhora, disse eu.

— Pois não.

Dei o braço a D. Marcellina que estremeceu. O doutor passou adiante. Eu inclinei a boca ao ouvido da pobre senhora e disse baixinho:

— Que mysterio ha?

D. Marcellina estremeceu outra vez e com um signal impoz-me silencio.

Chegámos á sala de jantar.

Apesar de já ter presenciado a scena do outro dia não pude resistir á impressão que me causou a vista do esqueleto que lá estava na cadeira em que o vira com os braços sobre a mesa.

Era horrivel.

— Já lhe apresentei minha primeira mulher, disse o doutor para mim; são conhecidos antigos.

Sentámo-nos á mesa; o esqueleto ficou entre elle e D. Marcellina; eu fiquei ao lado d'esta. Até então não pude dizer palavra; era porem natural que exprimisse o meu espanto.

— Doutor, disse eu, respeito os seus habitos; mas não me dará a explicação d'este?

— Este qual? disse elle.

Com um gesto indiquei-lhe o esqueleto.

— Ah!... respondeu o doutor; um habito natural; janto com minhas duas mulheres.

— Confesse ao menos que é um uso original.

— Queria que eu copiasse os outros?

— Não, mas a piedade com os mortos...

Atrevi-me a fallar assim porque, alem de me parecer aquillo uma profanação, a melancolia da mulher parecia pedir que alguém fallasse duramente ao marido e procurasse trazel-o a melhor caminho.

O doutor deu uma das suas singulares gargalhadas, e estendendo-me o prato de sopa, replicou :

— O senhor falla de uma piedade de convenção; eu sou pio á minha maneira. Não é respeitar uma creatura que amamos em vida, o trazel-a assim comnosco, depois de morta?

Não respondi cousa nenhuma a estas palavras do doutor. Comi silenciosamente a sopa, e o mesmo fez a mulher, em quanto elle continuou a desenvolver as suas idéas a respeito dos mortos.

— O medo dos mortos, disse elle, não é só uma fraqueza, é um insulto, uma perversidade do coração. Pela minha parte dou-me melhor com os defuntos do que com os vivos.

E depois de um silencio :

— Confesse, confesse que está com medo.

Fiz-lhe um signal negativo com a cabeça.

— É medo, é, como esta senhora que está alli transida de susto, por que ambos são dois maricas. Que ha entretanto n'este esqueleto que possa metter medo? Não lhes digo que seja bonito; não é bonito segundo a

vida, mas é formosissimo segundo a morte. Lembrem-se que isto somos nós tambem; nós temos de mais um pouco de carne.

— Só? perguntei eu intencionalmente.

O doutor sorrio-se e respondeu :

— Só.

Parece que fiz um gesto de aborrecimento, porque elle continuou logo :

— Não tome ao pé da lettra o que lhe disse. Eu tambem creio na alma; não creio só, demonstro-a, o que não é para todos. Mas a alma foi-se embora; não podemos retel-a; guardemos isto ao menos, que é uma parte da pessoa amada.

Ao terminar estas palavras, o doutor beijou respeitosaente a mão do esqueleto. Estremeci e olhei para D. Marcellina. Esta fechára os olhos. Eu estava ancioso por terminar aquella scena que realmente me repugnava presenciar. O doutor não parecia reparar em nada. Continuou a fallar no mesmo assumpto, e por mais esforços que eu fizesse para o desviar d'elle era impossivel.

Estavamos á sobremesa quando o doutor, interrompendo um silencio que durava já havia dez minutos perguntou :

— E segundo me parece, ainda lhe não contei a historia d'este esqueleto, quero dizer a historia de minha mulher?

— Não me lembra, murmurei.

— E a ti? disse elle voltando-se para a mulher.

— Já.

— Foi um crime, continuou elle.

— Um crime?

— Commettido por mim.

— Pelo senhor?

— É verdade.

O doutor concluiu um pedaço de queijo, bebeu o resto do vinho que tinha no copo, e repetio :

— É verdade, um crime de que fui autor. Minha mulher era muito amada de seu marido; não admira, eu sou todo coração. Um dia porem, suspeitei que me houvesse trahido; vieram dizer-me que um moço da vizinhança era seu amante. Algumas apparencias me enganaram. Um dia declarei-lhe que sabia tudo, e que ia punil-a do que me havia feito. Luisa cahio-me aos pés banhada em lagrimas protestando pela sua innocencia. Eu estava cego; matei-a.

Imagina-se, não se descreve a impressão de horror que estas palavras

me causáram. Os cabellos ficáram-me em pé. Olhei para aquelle homem, para o esqueleto, para a senhora, e passava a mão pela testa, para ver se effectivamente estava acordado, ou se aquillo era apenas um sonho.

O doutor tinha os olhos fitos no esqueleto e uma lagrima lhe cahia lentamente pela face. Estivemos todos calados durante cerca de dez minutos.

O doutor rompeu o silencio.

— Tempos depois, quando o crime estava de ha muito commettido, sem que a justiça o soubesse, descobri que Luisa era innocente. A dôr que então soffri foi indescriptivel; eu tinha sido o algoz de um anjo.

Estas palavras foram ditas com tal amargura que me commoveram profundamente. Era claro que ainda então, após longos annos do terrivel acontecimento, o doutor sentia o remorso do que praticára e a magoa de ter perdido a esposa.

A propria Marcellina parecia commovida. Mas a commoção d'ella era tambem medo; segundo vim a saber depois, ella receiava que no marido não estivessem integras as faculdades mentaes.

Era um engano.

O doutor era, sim, um homem singular e excentrico; doudo lhe chamavam os que, por se pretenderem mais expertos que o vulgo, repelliam os contos da superstição.

Estivemos calados algum tempo e d'essa vez foi ainda elle que interrompeu o silencio.

— Não lhes direi como obtive o esqueleto de minha mulher. Aqui o tenho e o conservarei até á minha morte. Agora naturalmente deseja saber por que motivo o trago para a mesa depois que me casei?

Não respondi com os labios, mas os meus olhos disseram-lhe que effectivamente desejava saber a explicação d'aquelle mysterio.

— É simples, continuou elle; é para que minha segunda mulher esteja sempre ao pé da minha victima, afim de que se não esqueça nunca dos seus deveres, porque, então como sempre, é mui provavel que eu não procure apurar a verdade; farei justiça por minhas mãos.

Esta ultima revelação do doutor poz termo á minha paciencia. Não sei o que lhe disse, mas lembra-me que elle ouviu-me com o sorriso benevolo que tinha ás vezes, e respondeu-me com esta simples palavra:

— Criança!

Sahi pouco depois do jantar, resolvido a lá não voltar nunca.

V.

A promessa não foi cumprida.

Mais de uma vez o doutor Belem mandou á casa chamar-me ; não fui. Veio duas ou tres vezes instar comigo que lá fosse jantar com elle.

— Ou, pelo menos, conversar, concluiu.

Pretextei alguma cousa e não fui.

Um dia porem, recebi um bilhete da mulher. Dizia-me que era eu a unica pessoa extranha que lá ia ; pedia-me que não a abandonasse.

Fui.

Eram então passados quinze dias depois do celebre jantar em que o doutor me referio a historia do esqueleto. A situação entre os dois era a mesma ; apparente affabilidade da parte d'ella, mas na realidade medo. O doutor mostrava-se affavel e terno, como sempre o víra com ella.

Justamente n'esse dia, annunciou-me elle que pretendia ir a uma jornada d'alli a algumas leguas.

— Mas vou só, disse elle, e desejo que o senhor me faça companhia a minha mulher vindo aqui algumas vezes.

Recusei.

— Porque?

— Doutor, por que razão, sem urgente necessidade, daremos pasto ás más linguas? Que se dirá...

— Tem razão, atalhou elle ; ao menos, faça-me uma cousa.

— O que?

— Faça com que em casa de sua irmã possa Marcellina ir passar as poucas semanas de minha ausencia.

— Isso com muito gosto.

Minha irmã concordou em receber a mulher do doutor Belem, que d'ahi a pouco sahia da capital para o interior. Sua despedida foi terna e amigavel para com ambos nós, a mulher e eu ; fomos os dois, e mais minha irmã e meu cunhado acompanhal-o até certa distancia, e voltámos para casa.

Pude então conversar com D. Marcellina, que me communicou os seus receios a respeito da razão do marido. Dissuadi-a d'isso ; já disse qual era a minha opinião a respeito do Dr. Belem.

Ella referio-me então que a narração da morte da mulher já elle lh'a havia feito, promettendo-lhe egual sorte no caso de faltar aos seus deveres.

— Nem as apparencias te salvarão, accrescentou elle.

Disse-me mais que era seu costume beijar repetidas vezes o esqueleto da primeira mulher e dirigir-lhe muitas palavras de ternura e amor. Uma noite, estando a sonhar com ella, levantou-se da cama e foi abraçar o esqueleto pedindo-lhe perdão.

Em nossa casa todos eram de opinião que D. Marcellina não voltasse mais para a companhia do Dr. Belem. Eu era de opinião opposta.

— Elle é bom, dizia eu, apesar de tudo; tem extravagancias, mas é um bom coração.

No fim de um mez recebemos uma carta do doutor, em que dizia á mulher fosse ter ao lugar onde elle se achava, e que eu fizesse o favor de a acompanhar.

Recusei ir só com ella.

Minha irmã e meu cunhado offerecêram-se porem para acompanhal-a.

Fomos todos.

Havia entretanto uma recommendação na carta do doutor, recommendação essencial; ordenava elle á mulher que levasse comsigo o esqueleto.

— Que exquisitice nova é essa? disse meu cunhado.

— Ha de ver, suspirou melancolicamente D. Marcellina, que o unico motivo d'esta minha viagem, são as saudades que elle tem do esqueleto.

Eu nada disse, mas pensei que assim fosse.

Sahimos todos em demanda do lugar onde nos esperava o doutor.

Iamos já perto, quando elle nos appareceu e veio alegremente cumprimentar-nos. Notei que não tinha a ternura de costume com a mulher, antes me pareceu frio. Mas isso foi obra de pouco tempo; d'ahi a uma hora voltára a ser o que sempre fora.

Passamos dois dias na pequena villa em que o doutor estava, dizia elle, para examinar umas plantas, porque tambem era botanico. Ao fim de dois dias dispunhamos a voltar para a capital; elle porem pediu que nos demorassemos ainda vinte e quatro horas e voltariamos todos juntos.

Accedemos.

No dia seguinte de manhã convidou a mulher a ir ver umas lindas parasitas no matto que ficava perto. A mulher estremeceu, mas não ousou recusar.

— Vem tambem? disse elle.

— Vou, respondi.

A mulher cobrou alma nova e deitou-me um olhar de agradecimento. O doutor sorriu á socapa. Não comprehendí logo o motivo do riso; mas d'ahi a pouco tempo tinha a explicação.

Fomos ver as parasitas, elle adiante com a mulher, eu atraz de ambos, e todos três silenciosos.

Não tardou que um riacho apparecesse aos nossos olhos; mas eu mal pude ver o riacho; o que eu vi, o que me fez recuar um passo, foi um esqueleto.

Dei um grito.

— Um esqueleto! exclamou D. Marcellina.

— Descancem, disse o doutor, é o de minha primeira mulher.

— Mas...

— Trouxe-o esta madrugada para aqui.

Nenhum de nós comprehendia nada.

O doutor sentou-se n'uma pedra.

— Alberto, disse elle, e tu, Marcellina. Outro crime devia ser commetido n'esta occasião; mas tanto te amo, Alberto, tanto te amei, Marcellina, que eu prefiro deixar de cumprir a minha promessa...

La interrompel-o; mas elle não me deu occasião.

— Vocês amam-se, disse elle.

Marcellina deu um grito; eu ia protestar.

— Amam-se que eu sei, continuou friamente o doutor; não importa! É natural. Quem amaria um velho esturdio como eu? Paciencia. Amem-se; eu só fui amado uma vez; foi por esta.

— Dizendo isto abraçou-se ao esqueleto.

— Doutor, pense no que está dizendo...

— Já pensei...

— Mas esta senhora é innocente. Não vê aquellas lagrimas?

— Conheço essas lagrimas; lagrimas não são argumentos. Amam-se, que eu sei; desejo que sejam felizes, porque eu fui e sou teu amigo Alberto. Não merecia certamente isso...

— Oh! meu amigo, interrompi eu, veja bem o que está dizendo; já uma vez foi levado a commetter um crime por suspeitas que depois soube serem infundadas. Ainda hoje padece o remorso do que então fez. Reflecta, veja bem se eu posso tolerar semelhante calumnia.

Elle encolheu os hombros, metteu a mão no bolço, e tirou um papel e deu m'ò a ler. Era uma carta anonyma; soube depois que fora escripta pelo Soares.

— Isto é indigno! clamei.

— Talvez, murmurou elle.

E depois de um silencio:

— Em todo o caso, minha resolução está assentada, disse o doutor.

Quero fazel-os felizes, e só tenho um meio : é deixal-os. Vou com a mulher que sempre me amou. Adeus !

O doutor abraçou o esqueleto e afastou-se de nós. Corri atraz d'elle; gritei ; tudo foi inutil ; elle metterá-se no matto rapidamente, e demais a mulher ficára desmaiada no chão.

Vim soccorrel-a; chamei gente. D'ahi a uma hora, a pobre moça, viuva sem o ser, lavava-se em lagrimas de afflicção.

VI.

Alberto acabára a historia.

— Mas é um doudo esse teu Dr. Belem ! exclamou um dos convivas rompendo o silencio de terror em que ficára o auditorio.

— Elle doudo ? disse Alberto... Um doudo seria effectivamente se por ventura esse homem tivesse existido. Mas o Dr. Belem não existio nunca, eu quiz apenas fazer appetite para tomar chá. Mandem vir o chá.

É inutil dizer o effeito d'esta declaração.

VICTOR DE PAULA.

